



FEITO NA TV, RESSOANDO NA INTERNET: UMA ANÁLISE DE COMO A REDE GLOBO TRATOU A EDIÇÃO DO DEBATE DE 1989 NA SÉRIE COMEMORATIVA PELOS 50 ANOS DA EMISSORA

Duilio Fabbri Júnior*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre como a Rede Globo produziu memória, por meio da rememoração, na série comemorativa pelos 50 anos de história da emissora em 2015. Além de mostrar coberturas históricas, por meio da rememoração de reportagens e de comentários de jornalistas, a emissora abordou a edição do debate entre Collor e Lula, realizada em 1989. Dessa forma, tomamos como corpus a abordagem do tema na série, comparando-a com aquela produzida na internet no portal Memória Globo. Considerando a memória como um jogo entre lembrança e esquecimento, mas também como força e poder, demonstramos como o discurso sobre a história, numa emissora de TV, está condicionado a aspectos que dizem respeito às características do jornalismo, ao público interlocutor e aos aspectos ideológicos. **Palavras-chave:** Telejornalismo. Memória. Rede Globo.

Abstract : This paper reflects the way that the Rede Globo has produced memory in the commemorative series for the station's 50-year history in 2015. As well as displaying historical journalistic coverage, through the re-memories of reports and comments by journalists, the TV station also made mention of the edition of the debate between the presidential candidates Collor and Lula, made in 1989. Thus, we have taken as corpus the approach of the theme in the series, comparing it with that produced on the Internet, in the memory portal Globo. Considering memory as a play between memory and forgetfulness, but also strength and power, we demonstrate how the discourse on history on a TV station is conditioned to aspects that relate to the characteristics of journalism, the audience and the ideological aspects.

Keywords: TV journalism. Memory. Discours.

* Centro Universitário Salesiano de São Paulo
Unisal,
Americana, SP, Brasil.

Doutorando em Linguística na UFSCar, professor
e coordenador no curso de Comunicação Social-
Publicidade do Unisal (campus D. Bosco),
professor no curso de Publicidade no Centro
Universitário Anchieta.

E-mail: juniorduilio@uol.com.br

DOI: 10.19177/memorare.v5e32018257-273



REVISTA
MEMORARE

 UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

Este trabalho busca refletir, a partir de um diálogo entre a comunicação, notadamente, o campo do telejornalismo e os referenciais da Análise de Discurso Francesa, sobre os sentidos colocados em circulação a partir de um suposto pedido de desculpas feitos pela *Rede Globo de Televisão* durante uma série exibida no *Jornal Nacional (JN)*, por ocasião da comemoração dos 50 anos da emissora, em 2015. A série, com o objetivo de fazer memória, rememorar e comemorar a história, como discutiremos a seguir, contou com a participação dos mais antigos repórteres da Globo, ainda em exercício na emissora. O projeto foi idealizado, coordenado e apresentado por William Bonner, âncora e editor-executivo do telejornal desde meados dos anos 1990.

Entre os dias 20 e 25 de abril de 2015, a cada dia da semana, foram exibidas reportagens que a emissora denominava como “marcantes”, às quais os repórteres, no estúdio, em cenário especialmente criado para o projeto, faziam comentários. No dia 21 de abril, foi abordada a década de 1980 e, com ela, a cobertura jornalística feita pela *Rede Globo*, das Diretas Já (25.01.1984). À época, o fato foi mostrado nos telejornais como sendo parte das comemorações de aniversário pelos 430 anos de São Paulo, sem que houvesse menção à manifestação popular pelo direito ao voto.

A mesma série, no dia seguinte, abordou a edição do debate entre Lula e Collor, veiculado às vésperas da eleição presidencial em 1989 nos dois principais telejornais da emissora, o *JN* e o *Jornal Hoje (JH)*.

Esses dois assuntos também foram abordados no site da emissora para tratar de sua história, o *Memória Globo*, portal colocado na internet em 1999, sob o comando de uma historiadora, Sílvia Fiuzza. O portal faz parte de um projeto maior, que visa reunir informações sobre o grupo *Globo* como um todo, configurando-se como a história oficial dos veículos da família Marinho.

Neste artigo, refletimos sobre a estratégia da emissora em tratar, na comemoração dos 50 anos e no site *Memória Globo*, de um dos erros mencionados: a edição do debate de 1989. Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado, desenvolvida no Laboratório de Estudos Avançados no Laboratório de Estudos do Discurso (Labor), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com orientação da professora Vanice Sargentini.

2. Memória, jornalismo e história: percursos e diálogos em torno de conceitos

A relação do jornalismo com a história se dá, sobretudo, por meio de duas possibilidades. Na primeira delas, o jornalismo é uma das fontes sobre o passado. O historiador, seja ele focado na própria história da mídia ou não, pode buscar, na narrativa jornalística, informações sobre fatos, reconstruindo, a partir do presente, “um” passado, a partir das perspectivas teóricas e analíticas de que dispõe e mobiliza, inclusive, comparando o jornalismo com outras fontes históricas.

Na segunda possibilidade, como uma metalinguagem, o jornalismo fala sobre sua própria história, em geral, numa perspectiva institucional, como ocorre quando um veículo ou programa (especialmente na TV e no rádio) comemora aniversário. É uma perspectiva retrospectiva, motivada, em geral, por uma efeméride. Constitui-se como metajornalismo ou o jornalismo sobre o jornalismo que “emerge da assunção de que, sendo uma atividade regulada por princípios normativos, o jornalismo e os jornalistas também podem ser sujeitos da notícia” (OLIVEIRA, 2016, p. 38).

Na perspectiva da metalinguagem, está também o que Romancini (2010) chama de jornalismo retrospectivo, ou seja, quando, por alguma razão, em geral comemorativa, o jornalismo reconta fatos do passado, em geral, recuperando materiais de sua própria cobertura. Em linhas gerais, podemos dizer que, na relação com o jornalismo, a história pode ocupar espaço de registro, de fonte e de destino. No caso em análise neste artigo não temos aqui a narrativa jornalística que, elaborada diariamente, pode, no futuro, ser lida como testemunha ou história de uma época, mas a própria história tratada pelo Jornalismo, retomando fatos do passado numa nova dinâmica, no nosso caso específico, uma efeméride.

Quando o jornalismo retoma sua própria narrativa sobre o passado, colocam-se em jogo três eixos: a memória, a rememoração e a comemoração. A memória é constituída pelo que se inscreveu e pelo que foi apagado ou esquecido, conscientemente ou não, sobre o passado. A rememoração faz parte dos processos constitutivos da narrativa sobre o passado, à medida que os atores, no esforço de falarem sobre a história, retomam e rearranjam discursos e fatos.

Ao considerar a natureza da atividade jornalística, podemos pensar também na constituição de um espaço privilegiado de produção de memória a partir das

narrativas por meio das quais as notícias são produzidas e os suportes utilizados para a veiculação:

A memória permite lembrar, no presente, apenas o que é importante para dar sentido às operações do presente. E permite esquecer todo o restante, todas as contradições, os *non senses*, os paradoxos. A memória, portanto, é lembrança e esquecimento ao mesmo tempo (SIMINONI, 2016, p. 183).

Como força ideológica, a mídia tende a construir e encadear fatos em um conjunto de enunciados e acontecimentos de forma que apenas sua versão seja memorável, ou seja, possam, em momento posterior, ser retomados como sendo a narrativa da verdade sobre um acontecimento. Dessa forma, nos filiamos ao que diz Foucault (2007, p. 12), em *Microfísica do poder*: “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças às múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”.

Assim, a rememoração, como ato de retomada, tem também uma outra função: a de escolher o que pode ser lembrado e que pode ser esquecido hoje e no futuro. Assim, pode ser usada, no futuro, para evocar fatos que hoje são esquecidos. E, por outro lado, pode fazer esquecer aquilo que hoje é tido como fundamental para dar sentido às práticas e condições sociais. Sem a condição de lembrar, não haveria fundamento de sentido para justificar nossas decisões e norteamentos no presente e futuro, pondo a memória, assim, numa posição de organizadora social, entre o individual e o coletivo: “não é apenas com a hipótese da polaridade entre memória individual e memória coletiva que se deve entrar no campo da história, mas como uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos e aos outros” (RICOEUR, 2004, p. 142).

As séries comemorativas da *Rede Globo* têm um caráter de comemorar o crescimento da emissora a cada cinco ou dez anos. Assim, a emissora, em busca de um consenso coletivo nacional, investe em um poder político nas lembranças dos acontecimentos cobertos sob a visão da *Rede Globo*, de maneira a encontrar no passado uma legitimação histórica, que permita consolidar uma memória.

Segundo Ricoeur (2004), comemorar é, de certa forma, reviver de maneira coletiva o objetivo principal dos valores sociais de uma comunidade ou país. Assim, a memória e a história nos suscitam a um questionamento da relação espaço/tempo. Comemorar, portanto, consiste em “retirar o acontecimento passado [para] penetrá-lo

nas realidades e nas questões do presente, cri[ando] a contemporaneidade e abolindo o tempo e a distância (THEIS, 1999, p. 38).”

Para rememorar os acontecimentos do passado e trazê-lo para o presente, dando a eles o caráter de comemoração, ao completar 50 anos, a *Rede Globo* adotou um formato inédito, produzindo uma série, exibida dentro do telejornal. Nas vezes anteriores, foram produzidos programas especiais, nos quais a transmissão era ao vivo, envolvendo shows e jornalismo, aberta a convidados, como a própria emissora rememora no site *Memória Globo*. Foi o que ocorreu, por exemplo, na comemoração dos 40 anos da emissora³⁵.

3. Erro, desculpas e memórias

O corpus da tese de doutorado da qual este artigo é parte foi composto por toda a série pelos 50 anos da *Rede Globo*. Para este trabalho, focalizamos a abordagem, na série, da edição do debate de 1989, comparando-a com o que foi produzido pela emissora sobre o mesmo assunto para o portal *Memória Globo*.

Para o início desta reflexão, tomamos o texto de apresentação da série, lido pela editora e apresentadora do *JN*, Renata Vasconcelos:

Nesta semana, a *Globo* vai completar 50 anos. E a comemoração **aqui no *JN*** vai ser de um jeito inédito. Para lembrar as coberturas jornalísticas mais marcantes desse período, **nós** vamos provocar aqui a memória dos autores daquelas reportagens. Para representar os milhares de profissionais que construíram o jornalismo da *Globo* em cinco décadas, **nós** reunimos 16 repórteres para dividirem experiências, lembranças, informações de bastidores e a emoção que tudo isso junto pode provocar.

Nessa abertura, o telespectador é avisado de que se trata de uma comemoração. Pelas marcas dêiticas³⁶ (grifadas no trecho), o texto da apresentadora deixa claro de que se trata de uma versão oficial da história, sob o olhar da *Globo*. Há uma ênfase sobre

³⁵ Segundo o site *Memória Globo*, a comemoração das quatro décadas foi feita em uma “noite de gala”, numa festa na casa de espetáculos Claro Hall, na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro. A comemoração foi transmitida ao vivo para todas as cinco emissoras do grupo e as 113 afiliadas, em um programa especial de quase três horas de duração, exibido após a novela das 21h. De acordo com o portal, estavam presentes 2 mil convidados entre atores, apresentadores, jornalistas, diretores e funcionários.

³⁶ Marcas dêiticas são elementos linguísticos que não têm valor referencial próprio, mas remetem à situação em que o texto é produzido, permitindo situar o enunciado em relação a tempo, espaço, sujeito e circunstâncias.

isso, quando Renata Vasconcelos diz, por exemplo, “aqui, no *JN*”. Por outro lado, embora o trecho se construa no sentido de demonstrar que se trata das “coberturas mais marcantes” e que elas representam profissionais e décadas da história, fica apagada qualquer marca de como isso foi feito, de quais elementos foram inscritos nessa memória e quais passaram sem se inscrever ou foram silenciados. Nessa enunciação, a memória é, portanto, tomada como uma espécie de lembrança, como se fosse determinada por provocações e por evocações e não por um processo histórico de constituição e formulação de discursos. O caráter comemorativo fica restrito ao resultado de provocações, lembranças e a “emoção que tudo isso junto pode provocar”.

Nesse trecho, nota-se como o ato de rememorar, numa série dentro de um telejornal, coloca-se no embate entre produzir o efeito de objetividade, um dos pilares de sustentação e de credibilidade para o jornalismo, e o aspecto subjetivo e emocional de toda comemoração. A memória, nessa série é, portanto, residente no entremeio entre o efeito de objetividade, o reconhecimento dos aspectos subjetivos e a história que se pretende colocar como oficial pela emissora.

Colocamos a objetividade como efeito de sentido por considerarmos sua impossibilidade, mas, ao mesmo tempo, por reconhecermos que o jornalismo se constituiu como um dos discursos mais representativos sobre o presente e os fatos ao considerar dar um tratamento objetivo, isento, às informações coletadas, também por métodos tidos como objetivos pelos jornalistas.

A objetividade – como um efeito de sentido – é um pilar historicamente essencial para autorizar o discurso jornalístico como porta-voz da verdade. Na série analisada, a questão da objetividade está presente não só nessa ação de rememoração, mas também como uma questão que demonstra a dificuldade do jornalismo em tratar da questão dos erros que, fatalmente, seja por razões ligadas à manipulação das informações, pelos aspectos subjetivos de toda ação humana ou por uma checagem ou interpretação inadequada, podem aparecer.

Como resultado dessa objetividade, a verdade está impressa no código que norteia a atividade jornalística. Kovach e Rosentiel (2004, p. 60) apontam que, ao longo de 300 anos, os jornalistas desenvolveram um código não escrito de princípios e valores e entre eles está o fato de que “a primeira obrigação do jornalismo é com a verdade”. Embora fato e notícia não sejam a mesma coisa, uma relação direta e axiomática entre

os dois parece existir no imaginário, contribuindo para o efeito de verdade presente no jornalismo.

A capacidade de fazer crer do jornalismo, de que aquilo que ele diz a respeito dos fatos e acontecimentos do mundo se constituem em verdades, de que fazem parte da realidade, é uma premissa do contrato de leitura/comunicação/interlocução/mediação que o fazer jornalístico estabelece com a sociedade (CHARAUDEAU, 2006; VERÓN, 2004).

Há, por essa razão, discurso de consenso no jornalismo de que a verdade mantém uma relação de correspondência ao real, aos eventos que reconstrói em forma de relatos jornalísticos.

Para um campo que busca os efeitos da objetividade, da credibilidade e da imparcialidade, os erros, em geral, são pouco discutidos e discretamente abordados pelos veículos jornalísticos, já que a sua recorrência macularia o efeito de verdade de que falamos antes. Prova disso é que as erratas, em geral, costumam aparecer em espaços de pouco destaque, em se tratando de veículos impressos, e raramente nomeadas ou atribuídas a um autor. É comum, que sejam apresentadas em construções bastante impessoais, do tipo “Diferente do que foi informado...”, ou “O Jornal Nacional errou...”. Da mesma forma, os manuais de redação também abordam muito superficialmente a relação da produção jornalística com o erro a que se está sujeito por diversas razões. Tampouco, há menção a relação que pode existir entre erro e ideologia. (FABBRI JÚNIOR; ORMANEZE, 2016, p. 04)

No caso específico da *Rede Globo*, que nos interessa aqui, em seus princípios editoriais, conforme documento lançado em 2011, diz que o jornalismo a ser praticado deve ter como “atributos da informação de qualidade”: a isenção, a correção e a agilidade. Reconhece ainda que, na história dos veículos do grupo, “certamente houve erros, mas a posição de sucesso em que se encontram hoje mostra que os acertos foram em maior número” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p. 1). Ao abordar o item “correção”, os princípios editoriais fazem uma breve menção à presença de erros e a abordagem diante deles:

Não há fórmula, e nem jamais haverá, que torne o jornalismo imune a erros, porém. Quando eles acontecem, é obrigação do veículo corrigi-los de maneira transparente, sem subterfúgios, num movimento que é ele próprio essencial à busca da informação correta. Um dos mecanismos que mais contribuem no controle de qualidade posterior à publicação das informações é a reação do público. É essencial, portanto, que todos os veículos do *Grupo Globo* tenham, cada um à sua maneira, estruturas que recebam amplamente

as observações do público, críticas ou elogiosas, para processá-las, entendê-las e dar seguimento a ela (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p. 4).

Nesse trecho, nota-se a presença de dois elementos essenciais para esta análise: a reação do público e a “obrigação do veículo [de] corrigi-los de maneira transparente”. Importante é ressaltar, no entanto, que, em termos de discurso, uma informação equivocada, por mais que seja corrigida ou mencionada depois, produzirá seus efeitos de sentido e de circulação e a correção não terá o poder de anulá-la. Além disso, é importante frisar que a própria noção de erro pode estar associada à ideologia, mas ela não aparecerá mencionada, uma vez que, como os próprio documento da *Rede Globo* menciona, “há técnicas que permitem ao homem, na busca pelo conhecimento, minimizar a graus aceitáveis o subjetivismo” (p. 3).

A confissão de um erro, para Castro (2009, p. 82), numa releitura das obras de Michel Foucault, é entendida como um ritual em que há um interlocutor capaz de avaliar e intervir para “julgar, punir, perdoar, consolar e reconciliar”. É a partir dos discursos, das imagens pré-construídas sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o referente, que a menção a erros produzem sentido, bem como suas confissões ou (supostos) pedidos de desculpas.

4. Da polêmica ao erro nas redes de memória: TV e internet

Durante a série especial sobre os 50 anos da emissora, a *Rede Globo* reconheceu a existência de duas “polêmicas”, conforme nomeação dada pela emissora, na editoria de política. Essa foi a palavra utilizada pela âncora e autor do projeto, Willian Bonner, quando a cobertura do debate de 1989 foi retratado. Essa nomeação não impediu, todavia, que as abordagens fossem abordadas como “pedido de desculpas” por outros veículos de comunicação, inclusive dois de cunho alternativo, na internet, como se pode verificar nos excertos a seguir:

Globo mata e pede desculpas. Patético!³⁷

Luciana Genro ironiza “mea culpa” do *Jornal Nacional* sobre Debate Collor x Lula

³⁷ Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia-e-Redes-Sociais/Globo-mata-e-pede-desculpas-Patetico-/12/33343>. Acesso em: 16 set. 2018.

Série especial do Jornal Nacional admitiu erro na edição do debate entre Lula e Collor em 1989. Edição desonesta do debate foi considerada decisiva para a vitória de Fernando Collor. Luciana Genro ironizou a tentativa da *Globo* de passar panos limpos no episódio.³⁸

Dentro das características de circulação das informações e discursos na internet, esses e outros sites também reproduziram o mesmo texto, ou seus compartilhamentos, repercutindo o enunciado do âncora como um “pedido de desculpas”.

Transcrevemos a seguir o texto usado pelo âncora para mencionar a edição do debate entre Collor e Lula. Estão grifadas expressões que se colocam como chaves para a análise proposta aqui:

Bonner: Essa foi uma eleição que... que... teve um investimento enorme também de todos **nós**. A gente fez uma eleição, uma cobertura muito, muito intensa, mas esse trabalho todo que a gente fez acabou no fim também ficando **eclipsado por uma polêmica que surgiu**, que era a edição do debate de segundo turno entre Fernando Collor e Lula.

Nota coberta com imagens e narração Cid Moreira: Foi o duelo entre os dois candidatos pela televisão. Durou quase três horas.

Bonner: Um debate entre candidatos é um confronto de ideias, de argumentos, que precisa ser visto no todo, por inteiro. Resumir o debate, como se faz, por exemplo, num jogo de futebol, com melhores momentos da partida, o que foi a ideia na época, é um risco enorme, porque qualquer seleção de trecho sempre vai poder ser questionada... E foi isso que aconteceu. Além do que, a edição acabou deixando o tempo total de fala de Collor maior que o tempo do Lula. Foi um aprendizado importante para a *Globo*, para o jornalismo da *Globo*. A gente lembra que a democracia ‘tava’ ressurgindo no Brasil. Naquele momento o jornalismo estava começando a trabalhar com o ressurgimento da democracia. A *Globo* reconheceu **o erro de tentar editar um debate político**. Isso foi público, **né?** E os textos e vídeos que esclarecem esse episódio, com uma grande riqueza, estão disponibilizados também no site do *Memória Globo*. **Vamos em frente?**

Nesse trecho, o único na série do *JN* a abordar a edição do debate entre Collor e Lula em 1989, nota-se a utilização recorrente do pronome “nós” e, por consequência, verbos conjugados nessa pessoa. O linguista Émile Benveniste (1989) chama-o de “não-pessoa”, por ser resultado de uma construção, já que, ao utilizar o “nós”, tem-se sempre uma construção imaginária do que seria um grupo de pessoas, do qual o interlocutor participa. Como não se pode ter acesso completo ao(s) outro(s), ao colocá-lo em discurso, trata-se sempre de uma construção do que ele (o outro) seria. É o que fica

³⁸ <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/04/luciana-genro-ironiza-mea-culpa-do-jornal-nacional-sobre-debate-collor-x-lula.html>. Acesso em: 16 set. 2018.



visível, por exemplo, no trecho “Teve um investimento enorme também de todos nós”. A primeira pessoa do plural, nesse caso, pode ser compreendida de duas maneiras: pode-se referir, nesse caso, ao mesmo tempo, a um valor inclusivo (*Rede Globo* = população/telespectadores) ou a um valor exclusivo (os jornalistas, a *Rede Globo*, a equipe). A presença de um “nós” coloca também, como efeito do rememorar, uma inclusão dos interlocutores no processo de comemoração e na sequência narrativa que se constrói para falar sobre a “polêmica que surgiu”. Ao final do trecho, por exemplo, um dos poucos sem a presença de comentários dos outros jornalistas presentes na série, Bonner, em close, faz um convite que significa também a mudança de assunto, o encerramento do tema. “Vamos em frente?”.

No jornalismo de televisão, a linguagem não verbal se faz tão presente e importante quanto a verbal. A edição de televisão permite, inclusive, que alguns aspectos verbais possam ser reforçados por meio de imagens ou da inserção de palavras no formato de caracteres no vídeo, por efeito de computação gráfica, estratégia bastante utilizada na série comemorativa em questão. Do ponto de vista linguístico, a inserção dessas palavras no vídeo, acompanhando a imagem do âncora produz o que Authier-Revuz (2004) chama de “modalização autonímica”. Tem-se, então, como resultado a linguagem se desdobrando, ganhando um reforço.

De acordo com a autora, a modalização autonímica, “configura-se como uma configuração enunciativa mais geral, de autorrepresentação do dizer, suscetível de remeter explícita (em um subconjunto de suas formas) ou interpretativamente (no caso de sinais tipográficos, aspas, itálicos) no campo do discurso outro que emerge no dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 11). Quando Bonner afirma que “esse trabalho todo que a gente fez acabou no fim também ficando eclipsado por uma polêmica que surgiu, que era a edição do debate de segundo turno entre Fernando Collor e Lula”, a palavra “polêmica” aparece no vídeo desfocando a imagem do âncora.

Nesse sentido, a aparição gráfica dessa palavra acaba por realçá-la, exercendo uma função mediadora entre o que se diz e sua autorrepresentação, exige que seja esclarecido, questionado, interpelado. Percebe-se ainda que, quando o âncora fala tal trecho, a câmera sai de uma posição de enquadramento fechado, em que se pode ver as expressões não verbais – também indutoras de sentido e capazes de se comportar como modalizações autonímicas – e coloca-o numa posição aberta, evidenciando a palavra



“polêmica” grafada no vídeo, evitando o uso da expressão “erro”, que, por sinal, aparece apenas uma vez em todo o trecho e para se referir a algo que já tinha sido feito (“A *Globo* reconheceu o erro (...). Isso foi público, né?”).

Como um já-sabido, esse trecho é reforçado pelo “né”, colocado ao final, com o qual o âncora busca a confirmação do telespectador e busca amenizar o ocorrido. Assume, com isso, que já houve uma abordagem do assunto e “isso foi público”. O sentido da palavra “polêmica” é central para compreender como o assunto é tratado.

Ao dizer “polêmica que surgiu”, leva-se em consideração a presença de um outro, ou seja, a responsabilidade não está inteiramente no “erro” da *Globo*, mas naquilo que surgiu a partir dos interlocutores, da forma como a edição foi recebida pelos telespectadores. Só existe “polêmica” se há lados que se (contra)opõem.

O texto de Bonner para abordar o assunto coloca em jogo a questão da seleção e do apagamento de que falam Ricoeur (2004), Theis (1999) e Siminoni (2016) na constituição de uma memória e dos atos de rememoração. Nesse caso, a citação à “polêmica” de 1989 foi inserida na comemoração a partir da necessidade de tocar no assunto, já que, do contrário, a emissora fatalmente seria cobrada por isso nas redes sociais, que se apresentam, contemporaneamente, como instrumentos da crítica à mídia e como comunicação alternativa. Além disso, verifica-se nessa menção à percepção de que a verdade é, como no trecho já citado de Foucault (2007), uma construção relacionada às coerções e aos efeitos regulamentados de poder.

Os apagamentos na história oficial da *Rede Globo* dizem respeito, inclusive, a como a emissora faz memória sobre a edição do debate, que é nomeada como “resumo” pelo âncora: “Resumir o debate como se faz, por exemplo, num jogo de futebol, com melhores momentos da partida, que foi a ideia na época, é um risco enorme (...) qualquer seleção de trecho vai poder ser questionada... Ao utilizar a expressão “qualquer seleção”, silencia-se uma significação que é sempre ideológica.

Não se reconhece, assim, qualquer ideia de edição desvantajosa para um dos candidatos, mas, sim, a proposta de “resumir o debate”, com os “melhores momentos”, uma prática a que o público é convidado a se lembrar pelo que ocorre com os jogos de futebol. Em vez de nomear como um erro, a nomeação é de um “risco enorme”. Na mesma linha da seleção da palavra “polêmica”, dizer “risco” significa dizer possibilidades, de acerto ou de erro. Correr risco significa poder acertar. Importante



notar o uso, na sequência da palavra “qualquer”: novamente parte-se da ideia de um interlocutor que faz a interpretação dessa edição. Ainda neste trecho, aparece uma construção na voz passiva “sempre vai poder ser questionada”. Como voz passiva, caberia a pergunta a respeito de um agente: questionada por quem? A não explicitação evita, assim, a não atribuição de responsabilidades. Embora haja uma “polêmica” e um questionamento, ninguém é responsabilizado por eles no texto do âncora.

Ao encerrar o assunto, Bonner indica a existência do portal *Memória Globo*. Como é característico na televisão contemporânea, diante de coberturas que continuam ou têm materiais complementares na internet, é feita uma remissão. Bonner ainda reforça que no portal, estão disponibilizados “também” os “textos e vídeos que esclarecem esse episódio, com uma grande riqueza”. As palavras “vídeos” e “textos” também aparecem como modalizações, aparecendo em destaque, grafadas no vídeo.

5. O erro no portal *Memória Globo*

No portal, a abordagem da emissora sobre o ocorrido em 1989 é um pouco distinta do que foi feito na televisão. Há um link, no alto da página, no menu do portal, nomeado como “Erro”, ao lado de “Mostras” (seleção de grandes programas especiais e séries) e “Acusações Falsas” (menções a relações políticas da *Globo* com outras instituições e partidos, citando reportagens e materiais feitos por outros veículos de imprensa, que a acusaram de tais relações):

Figura 1 - “Erro” no site do Memória Globo



Fonte: www.memoriaglobo.com.

Por se tratar de uma outra plataforma, cuja audiência é mais qualificada e homogênea, no que tange aos aspectos intelectuais e socioeconômicos (maior acesso entre classes sociais mais altas), a palavra “erro” é mais facilmente absorvida, sem, necessariamente, precisar de uma explicação como feito na televisão para um público

heterogêneo. Isso posto, a *Rede Globo* também se eximiria de não ter assumido o erro, uma vez que ele se encontra apenas em uma outra plataforma, que não a televisão, em série produzida para rememorar e comemorar.

No site, é feito um descritivo das eleições de 1989, primeiramente, apresentando o contexto do pleito e os candidatos. O internauta tem acesso a vídeos dos dois debates realizados e, na sequência, às reportagens, com as edições exibidas no *JH* e no *JN*. Até essa parte do texto, ocorre apenas uma descrição. Na sequência, sem citar ou reconhecer o erro, embora o link seja assim nomeado, vem a argumentação da emissora:

As duas [edições] foram questionadas. A primeira por apresentar um equilíbrio que não houve, e a segunda por privilegiar o desempenho de Collor. Mas foi a segunda que provocou grande polêmica. A *Globo* foi acusada de ter favorecido o candidato do PRN tanto na seleção dos momentos como no tempo dado a cada candidato, já que Fernando Collor teve um minuto e meio a mais do que o adversário. O PT chegou a mover uma ação contra a emissora no Tribunal Superior Eleitoral. O partido queria que novos trechos do debate fossem apresentados no *Jornal Nacional* antes das eleições, como direito de resposta, mas o recurso foi negado. Em frente à sede da *Rede Globo*, no Rio de Janeiro, atores da própria emissora, junto com outros artistas e intelectuais, protestaram contra a edição.

A argumentação da *Globo* vai na direção de um “questionamento” e de uma “acusação”, na mesma linha da palavra “polêmica” utilizada na TV. Ademais, reforça que a Justiça – a quem também se confere o efeito de verdade, aqui ajudando a desqualificar a ideia de um erro – negou o recurso solicitado pelo PT. Na sequência, o texto do site informa que, apesar da edição, o partido reconheceria mais tarde o desempenho mais frágil de Lula, usando para isso imagem recortada de jornais impressos.

Percebe-se aqui como o efeito de verdade conferido ao jornalismo é utilizado como um discurso competente para justificar ou, pelo menos, amenizar o erro. “Como noticiou o *Jornal do Brasil*, antes mesmo da edição do *Jornal Nacional* ser criticada, 'um sentimento de frustração marcara as avaliações que o comando da campanha petista fazia sobre a participação de Lula no debate com o candidato do PRN' (JB, 16/12/1989)”. Na sequência, outro texto da imprensa é usado na argumentação: “Seis anos depois, em entrevista à revista *Imprensa*, José Genoíno afirmou que o desempenho de Lula tinha sido, realmente, ruim.”

A metáfora da edição como de um jogo de futebol é também utilizada no site, embora mais explicitada. Diz o texto que “os responsáveis pela edição [...] afirmaram, tempos depois, que usaram o mesmo critério de edição de uma partida de futebol, na qual são selecionados os melhores momentos de cada time”. Interessante pensar que, enquanto a metáfora é explicada com mais detalhes no site, na TV ela apenas foi citada. Na TV, ela veio acompanhada da expressão “é um erro”. No site, isso não aparece. Criando um momento de menção e de silenciamento, que se alterna entre as mídias. “Segundo eles [os editores], o objetivo era que ficasse claro que Collor tinha sido o vencedor do debate, pois Lula realmente havia se saído mal”, argumenta o texto no site.

Para finalizar essa argumentação, o *Memória Globo* silencia dados sobre a audiência que, embora medida numericamente, é diferente do ponto de vista socioeconômico e cultural em cada programa e horário. Diz o portal, apenas considerando os aspectos quantitativos que, em geral, ajudam a dar caráter de irrefutabilidade: “Além disso, segundo o Ibope, a audiência total do debate [...] foi de 66 pontos, maior do que a do *JN* do dia seguinte, que apresentou 61 pontos. Isso significa que o número de pessoas que assistiu ao debate na íntegra foi maior do que o daqueles que viram a sua edição no *JN*”. A palavra “erro” não aparece nenhuma vez no texto do link assim nomeado. O último dos parágrafos procura transmitir uma ideia de aprendizado e de prejuízo à emissora:

Mas o episódio provocou um inequívoco dano à imagem da *TV Globo*. Por isso, hoje, a emissora adota como norma não editar debates políticos; eles devem ser vistos na íntegra e ao vivo. Concluiu-se que um debate não pode ser tratado como uma partida de futebol, pois, no confronto de ideias, não há elementos objetivos comparáveis àqueles que, num jogo, permitem apontar um vencedor. Ao condensá-los, necessariamente bons e maus momentos dos candidatos ficarão fora, segundo a escolha de um editor ou um grupo de editores, e sempre haverá a possibilidade de um dos candidatos questionar a escolha dos trechos e se sentir prejudicado.

Quando o *Memória Globo* aborda a posição dos editores, ninguém é nomeado e a justificativa é de que se pretendia demonstrar que um dos candidatos havia se dado bem. A argumentação construída pela emissora, neste último parágrafo, não reconhece diretamente que tal opção se tratou de um erro, mas sim que “provocou um inequívoco dano à imagem”. Cada forma de dizer apaga outras possíveis e os sentidos são sempre distintos. Causar dano à imagem não significa do mesmo modo que “foi uma opção

equivocada”, para ficar em apenas uma das possibilidades parafrásticas. Há, nessa abordagem da história, uma tentativa de reafirmar as consequências sofridas pela emissora, da mesma forma que elas também foram consideradas na televisão, quando Bonner afirma que todo o trabalho dispendido à cobertura foi “eclipsado pela polêmica” e também ao reforçar que o “jornalismo estava começando a trabalhar com o ressurgimento da democracia”. Opera-se num rememorar que utiliza a história (a redemocratização) para minimizar a culpa com que a memória de tal fato pode produzir como sentido ao interlocutor.

5. Considerações Finais

A análise a que nos propusemos aqui mostra que, embora a menção à edição do debate entre Lula e Collor ter sido mencionada na série especial da *Rede Globo* e ter circulado como um “pedido de desculpas” pela internet, os enunciados mostram que, na verdade, o que houve foi uma tentativa de não deixar de citá-lo, mas também de amenizar o ocorrido e dizer que se trata de algo que ficou no passado, sobre o qual já foram dadas explicações. Do mesmo modo, em vários momentos, a interpretação do interlocutor (que causou polêmica, que questionou, que causou dano à imagem) é retomada para (não) significar o erro.

A narrativa midiática constitui-se como uma rede dinâmica, inserida em condições de funcionamento, que, em dado contexto, autoriza ou impede certos dizeres, mas que, por outro lado, também produz os saberes desse mesmo tempo. Tal fato nos é ainda mais importante quando o relacionamos à credibilidade e ao discurso de verdade atribuídos ao jornalismo. No atual estágio das comunicações, com a possibilidade de interações com o interlocutor por meio das plataformas digitais, deixar de abordar o “erro”, por mais que ele possa macular o caráter comemorativo, seria uma porta para a circulação dessa ausência nas redes sociais.

Sabemos que precisamos esquecer para lembrar e que a memória é porosa na sua constituição. Na narrativa, os buracos são preenchidos por dizeres que não se institucionalizam no discurso a não ser pelos fragmentos de rememoração, ajudados pelas imagens e depoimentos, encadeando-se para dar sentido ao que ouvimos e compreendemos. Ao compararmos o discurso da TV com o da internet, embora

produzidos pelo mesmo autor, no caso, a *Rede Globo*, temos um novo ator no processo de rememoração, pelo menos no discurso oficial: as considerações acerca de como tais informações podem circular a partir das características de cada mídia e de seus públicos. Rememorar e comemorar, no discurso de quem pretende registrar sua versão do passado, estão também associados a um processo de construção e reafirmação de imagens que, passa, necessariamente, por amenizar ou esquecer determinados aspectos da trajetória história.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas** – as não-coincidências do dizer. Campinas: Unicamp, 1998.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral**. Campinas: Pontes, 1989.

CASTRO, Edgardo. **Dicionário de Foucault**. São Paulo: Autêntica, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo, Contexto, 2006.

FABBRI JÚNIOR, Duílio; ORMANEZE, Fabiano. Desculpa, erro e polêmica no discurso da Rede Globo: uma análise dos sentidos de um (suposto) pedido de desculpas. In: XXXIX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3006-1.pdf> . Acesso em: 13 set. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

KOVACK, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração editorial, 2004.

OLIVEIRA, Madalena. Metajornalismo do discurso normativo à autorreferencialidade como condição ética. **Sobre o jornalismo**. Minho, v. 5, n. 2, 2016, p. 32-43. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/44315/1/Oliveira_SurLeJournalisme5%282%29.pdf. Acesso em: 23 set. 2018.

ORGANIZAÇÕES GLOBO. **Princípios editoriais**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>. Acesso em: 01 set. 2018.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2004.



SIMINONI, Rafael L. Arquivo, história e memória: possibilidades de diálogo entre Luhmann e Foucault. **Lua Nova**, São Paulo, n. 97, jan-abr./2016.

THEIS, L. Jeux et enjeux commémoratifs. **Le Débat**, n. 104. Paris: Gallimard, mars-avril 1999, p. 32-44.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

Submetido em: 30/10/2018. Aprovado em: 30/11/2018.